

**Reflexões metodológicas e a problemática do desenvolvimento: caminhar com os Guarani**

Yan Leite Chaparro  
Josemar de Campos Maciel

**Resumo:** O escrito confeccionado em formato de artigo tem como objetivo apresentar o princípio reflexivo de caminho de uma pesquisa de doutorado em desenvolvimento local, pesquisa que tem como objetivo a reflexão metodológica com os Guarani, para a possível proposta de inversões e viradas em relação a complexa e real problemática em carne viva, dos planos e projetos de desenvolvimento (nacionais e internacionais), que compõe modos de vida que esquece a racional e lucida questão: só existe um planeta terra. Pesquisa que inicia a organização metodológica em primeira pessoa, explicitando reflexões no sentido ético e êmico, em relação a construção do campo e escrita da pesquisa, quando as vozes do campo e do pesquisador podem caminhar lado a lado com um objetivo comum. Instante onde se entende que a pesquisa trilha seu caminho em um entre-espço, onde o pesquisador pode falar, com o Outro (pesquisado e pesquisador). E entende que a tênue linha entre pesquisador e “pesquisado” deve ser discutida no processo de construção da pesquisa, para que exista uma sintonia quando a escrita e as vozes entram em jogos nos campos do conhecimento, político, social e econômico. Jogos que representam o processo histórico presente, onde os Guarani vivem em carne viva a educada perversidade da noção hegemônica e homogênea do desenvolvimento.

**Palavras-chave:** reflexões metodológicas; problemáticas do desenvolvimento; desenvolvimento local; os Guarani.

**Para (iniciar).**

“Os cantos são meios para visualizar o caminho iluminado (tape rendy) que leva à morada dos deuses para adquirir conhecimento na condução do seu povo (BENITES, 2014, p. 35)”

A pesquisa de doutorado em desenvolvimento local propõe pensar a partir de uma organização e uma orientação metodológica a problemática do desenvolvimento, este constituído nos planos nacionais e internacionais que se caracterizam como movimento de produção de conhecimentos hegemônicos e homogêneos, o que nutre aspirações, como a constituição do Estado “moderno”, o crescimento econômico e as tramas de exploração e dominação do capitalismo.

Proposta que se guia no sentido de construir conhecimentos a partir da Escuta do Outro, no caso, os Guarani e Kaiowá, para pensar a crítica ao desenvolvimento a partir de como os Guarani e Kaiowá constroem suas perspectivas de conhecimento sobre o que é desenvolvimento dentro da sua organização social no tempo presente. Com isso, compreender os impactos do desenvolvimento para a realidade dos Guarani-Kaiowá, junto a reflexão dos ideários do desenvolvimento local endógeno (ÁVILA, 2006) e da autonomia dos Guarani e Kaiowá (BRAND, 2004; PEREIRA, 2007; COLMAN, 2015).

Perspectiva de conhecimento plenamente organizada e densa, que corresponde ao esforço da antropologia simétrica (LATOUR, 2008) em explicitar que os conhecimentos indígenas caminham em simetria com os conhecimentos ocidentalizados, ou mesmo, o científico. O que é necessário compreender que as populações ameríndias constroem seus conhecimentos de forma refinada por um tempo histórico e temporal, epistemologias e ciências de grande complexidade, racionalidades e sensibilidades, o que podemos observar nas leituras dos textos de Viveiros de Castro (2007):

Ora, não há dúvida que os povos amazônicos encontraram, ao longo de milênios, estratégias de convivência com seu ambiente que se mostraram com grande valor adaptativo; que,

para tal, desenvolveram tecnologias sofisticadas, infinitamente menos disruptivas das regulações ecológicas da floresta que os procedimentos violentos e grosseiros utilizados pela sociedade ocidental; que esse saber indígena deve ser estudado, difundido e valorizado urgentemente; que ele poderá ser, em última análise, o passaporte para a sobrevivência, no mundo moderno, das sociedades que o produziram.(p. 03 )

Pois, continuando com Viveiros de Castro “[...] natureza e cultura são parte de um mesmo campo sociocósmico.” (1996, p.124). O que permite encontrar em um texto clássico sobre os Guarani a seguinte citação de Meliá e Temple (2004) que refletem com os Guarani, e lembram que “[...] la vida guaraní nunca se independiza ni se abstrae de la cuestión de la tierra.” (p. 20), a terra é um signo real que se move em toda a articulação para consubstanciar o que é organizado dinamicamente e complexamente como cosmologia, pois, “Para el guaraní, la tierra no es un dios, pero está impregnada toda ella de experiencia religiosa.” (p. 22).

O que se torna necessário explicitar o sensível e concreto movimento de Escutar os Guarani-Kaiowá para pensar a problemática do desenvolvimento, tanto para os impactos na realidade dos próprios Guarani-Kaiowá, como para a realidade das sociedades ocidentais, ou “modernas”. O que guia substancialmente a pesquisa como proposta metodológica da Escuta, escutar o Outro (LÉVINAS, 2005), para compor reflexões críticas sobre a problemática do desenvolvimento hegemônico e homogêneo, juntamente para pensar e orientar práticas em relação ao desenvolvimento local e autonomia com os Guarani-Kaiowá.

O que permite pensar como um todo, os processos de vida dentro das realidades dos Guarani-Kaiowá, questionando as intervenções que possuem como característica básica, os sentidos tutelar o Outro com instrumentos do Estado e da iniciativa privada, ou mesmo, disforme da proposta de autonomia dos Guarani-Kaiowá que teve seu início na década de 70 com o movimento de educação indígena Guarani-Kaiowá. E para pensar como os Guarani-Kaiowá transitam e negociam com as tramas do desenvolvimento que chegam nas aldeias, nas reservas, ou que levam esses indígenas para os acampamentos e para as periferias das cidades.

A organização de desenvolvimento que tem como semblante primeiro de impacto na realidade dos Guarani-Kaiowá, pode ser descrita por um processo histórico que equivale as ações nos seus territórios, correspondentes a interesses

econômicos, políticos e sociais, entrecortados por iniciativas locais e globais, ações constituídas explicitamente pela Cia Matte Laranjeiras, a formação do Estado Novo, a CAND (Colônia Agrícola Nacional de Dourados) e o crescimento do agronegócio no sul do Mato Grosso do Sul e no Paraguai (BRAND, 1997 e 2004; PEREIRA, 1999, 2003 e 2007; COLMAN, 2015). O que gerou o processo de confinamento (BRAND, 1997) dos Guarani-Kaiowá, confinando em pequenas reservas demarcadas pelo SPI (Serviço de Proteção ao Índio), uma população que possui como preceito básico de organização social a mobilidade (PEREIRA, 2007 e COLMAN, 2015) expressa no seu mito de origem e na composição sóciocósmica de pensar e produzir conhecimentos com a realidade.

Pereira (2007) nos relata o seguinte fenômeno no tempo contemporâneo que pode ilustrar os impactos do desenvolvimento na vida dos Guarani-Kaiowá:

A situação atual dos Kaiowá que se recusam a viver nas reservas e passaram a desenvolver outras modalidades de assentamento, revela a face nefasta do desenvolvimento agropecuário em Mato Grosso do Sul, que excluiu o segmento indígena de seu planejamento. (p.31)

Fenômeno que expõe um processo histórico no tempo presente que institui mecanismo formais e informais do Estado e de interesses privados a excluir os Guarani-Kaiowá do planejamento estadual, que deveria englobar todas as populações do território, e não construir imaginários sociais e ações concretas que coloca as populações indígenas como empecilho e marginais do processo de planejamento estadual. Estado que possui suas políticas de desenvolvimento, mantidas por crenças desenvolvimentistas, condicionadas a conhecimentos limitados da amplitude socioambiental e a interesses compilados a uma organização autocrática e racista.

O que tem também como consequência um grande contingentes de indígenas vivendo nas periferias das cidades, atuando em subempregos e encontrando-se nas camadas mais pobres da sociedade urbana. Um exemplo é a cidade de Campo Grande – Mato Grosso do Sul, onde possui uma população de 8.000 (oito mil) indígenas espalhados em grupos nas regiões mais pobres da cidade (SISGRAN/PLANURB). Contextos urbanos que possui seus serviços públicos despreparados para atuarem com esta população. População que se deslocam para as cidade por não aceitarem viver em estado de confinamento, por terem sido expulsos das suas terras (PEREIRA, 2007).

Sendo assim, pode-se referir a proposição de Deleuze e Guattari (1978) “[...] lo que el escritor dice totalmente solo se vuelve una acción colectiva, y lo que dice o hace es necesariamente político [...]”. Escritor (os Guarani-Kaiowá) que se mostra como sujeito/objeto da pesquisa, quando seu relato se posiciona como uma voz política, pois relata o fenômeno da realidade vivida. Escritor também que é o próprio pesquisador, e muitas vezes se torna sujeito da pesquisa, que organizar seus escritos como tese de doutorado em desenvolvimento local, e se percebe responsável por cada palavra e frase em relação ao Outro, para compor um escrito ético-político (AREDNT, 2009), ou mesmo regulamentado pelo compromisso da alta política (LATOURE, 2008).

Pois, como lembra Viveiros de Castro (2015) “a intenção d’*O Anti-Narciso* é mostrar que os estilos de pensamento praticados pelos povos que estudamos são a força motriz da disciplina” (p.24).

### **Possibilidades teóricas.**

A visão kaiowá e guarani sobre o mundo é produzida a partir da lógica espiritual tradicional. Quando afirmam que a terra está sempre se expandindo, estão se referindo à própria mobilidade tradicional [...] oguata (andar, caminhar, mover), que são maneiras de ocupar o espaço, de forma a não produzir fixação no mesmo lugar, condição dada pelo próprio deus. O surgimento da terra, pelo canto e a dança do Ñanderu, demonstra aos Kaiowá e Guarani a maneira própria de ocupação territorial (BENITES, 2014, p.35).

Seguindo a compilação teórica de Viveiros de Castro (1996; 2011; 2015), pode-se compreender que o tratamento do sentido do Outro em uma pesquisa de cunho teórico-metodológico, *pensar outras mentes*, ou mesmo, no limite de pensar com as outras mentes. Compõe o sentido do Outro como uma aspiração densa, com possibilidades de algumas tranquilidades, ou como os mesmos Guarani-Kaiowá expressam – Porã bá. O que significa que o Outro é tratado como o sujeito/objeto pesquisado, e o próprio pesquisador, que se torna muitas vezes um sujeito/objeto pesquisado. Um jogo de espelhos, como já sugeriu Borges (2007) e Achugar (2006),

que constrói um movimento plenamente configurado de densidades, juntamente ao que se escuta, observa e se fala.

Engana-se que o Outro, no caso os Guarani-Kaiowá não possui voz, ou estão a beira do precipício da aculturação. Justamente porque este jogo de Outros/Espelhos, os Guarani-Kaiowá, possuem suas estratégias construídas historicamente por conta do violento impacto do processo de colonização, que hoje se veste com roupagens do desenvolvimento, os planos de desenvolvimentos que perdem seus encantos e sentidos quando se depara com um Outro não ocidentalizado.

Estratégias que são pensadas a partir do *perspectivismo* (VIVEIROS DE CASTRO, 2011), um jogo de resistência e negociações com as invenções da cultura ocidental, ou melhor, da cosmologia e seus mitos de criação que sustentam a ocidentalização do globo terrestre. Os Guarani-Kaiowá em sua maioria são bilíngues ou trilingues, e reconhecem que por conta de um processo histórico presente, se reconhecem como Guarani-Kaiowá, mas precisam dizer para o mundo, como existem, porque existem e para que existem, por conta da miopia das agências Estatais e privadas que repete todos os dias os mandamentos do desenvolvimento, para construir conhecimento cotidianos, imaginários indiscutíveis da naturalizações e da normalizações da realidade.

Como explica Viveiros de Castro (1996):

Enquanto nossa cosmologia construcionista pode ser resumida na fórmula saussureana: *o ponto de vista cria o objeto* — o sujeito sendo a condição originária fixa de onde emana o ponto de vista —, o *perspectivismo ameríndio* procede segundo o princípio de que *o ponto de vista cria o sujeito*; será sujeito quem se encontrar ativado ou “agenciado” pelo ponto de vista. (p.127).

Organização teórica que explicita a partir do *perspectivismo* o refinamento, a complexidade e a sensibilidade concreta do pensamento indígena das Américas, o que inclui os Guarani-Kaiowá, e que deixa mais claro os olhos míopes que a necessidade de compor uma Escuta mais atenta a produção de conhecimento indígena para definir planejamentos de desenvolvimento, o que também inclui a educação, a saúde, a assistência social, emprego-renda e a produção agrícola, o que sugere pensar não a

partir de pontualidades dentro das realidades do Guarani-Kaiowá, mas sim, pensar como um todo, ou mesmo, pensar a partir do princípio da autonomia dos Guarani-Kaiowá, o que inclui mudanças políticas severas junto a esta população indígena.

Mudanças que equivale a transformação de organizações sociais desenvolvimentistas, tanto no conhecimento científico, como nos conhecimentos que são repetidos e perpetuados no cotidiano. Sair do pedestal e se deparar brutalmente com a realidade, a radicalidade densa da alteridade radical (LÉVINAS, 2005). Alteridade que os Guarani-Kaiowá compõe com precisão, e o fazem eles custar menos as vidas dos familiares, por conta dos impactos que o desenvolvimento ocasiona em sua vidas. Ao contrario a alegoria fantástica do desenvolvimento desvia os olhos para estas vidas que se negam ao sentido da alteridade, e compõe um perverso esquema que desloca o Outro para onde não possa enxergar estas vidas que este esquema faz se perder por uma série de ações diretas e indiretas. Constroem um Outro que não existe, só existe no ponto de vista que cria o objeto.

Viveiros de Castro também nos lembra:

Tal crítica, no caso presente, impunha a redistribuição dos predicados subsumidos nas duas séries paradigmáticas da “Natureza” e da “Cultura”: universal e particular, objetivo e subjetivo, físico e moral, fato e valor, dado e instituído, necessidade e espontaneidade, imanência e transcendência, corpo e espírito, animalidade e humanidade e etc. Esse reembaralhamento das cartas conceituais levou-me a sugerir a expressão “multinaturalismo” para designar um dos traços contrastivos do pensamento ameríndio em relação as cosmologias “multiculturalistas” moderna: enquanto estas se apoiam na implicação mútua entre unicidades da natureza e multiplicidades das culturas – a primeira garantida pela universalidade objetiva dos corpos e da substancia, a segunda gerada pela particularidade subjetiva dos espíritos e dos significados -, a concepção ameríndia suporia, ao contrário, uma unidade do espírito e uma diversidade dos corpos. A “cultura” ou o sujeito seriam aqui a forma do universal, a “natureza” ou o objeto, a forma particular. (2015, p. 43).

Proposta teórica que elucida uma característica marcante para a dinâmica composição cosmológica (metodológica e epistemológica) de construção de

conhecimentos e da realidade para os Guarani-Kaiowá. Pois, os Guarani-Kaiowá tem sua organização social estendida para além somente dos humanos, mas também para os não-humanos, estes que são os animais, as plantas, os objetos consagrados e os Jara (donos das coisas) – entidades do campo espiritual que organiza a relação com os animais, as plantas e as mudanças climáticas – cada segmento de vida possui um Jara que cuida, como um Jara das serpentes, dos catetos, dos macacos, de cada espécie botânica utilizada nos processos de cura e das tempestades.

Composto complexo, denso e amplo que precisa ser observado para qualquer implantação de políticas governamentais de desenvolvimento (Exemplos: saúde e produção agrícola). Movimento que é pensado por Latour (2008) a partir da antropologia simétrica, quando entende também que as sociedades reconhecidas como “modernas” também constituem associações com os não-humanos para organizar a realidade, mas neste caso, os não-humanos são objetos mantidos pela lógica do sistema capitalista, que inclui a exploração e a dominação entre humanos, e dos humanos para a natureza. Esforço que esta pesquisa se propõe a desenvolver a partir do estudo metodológico, e a partir de uma organização teórica que elucida mecanismos para esta possível simetria.

Sistema de organização social que nutre a cada dia o desenrolar de conhecimentos que mantem uma logica de desenvolvimento que torna o Outro como um exótico, ou ficção do mercado, ou o retira do território o tornando um estorvo como desculpa, a lei do progresso. Um conhecido e velho plano Nacional que se perpetua até hoje, como no próprio Mato Grosso do Sul. Um desenvolvimento que não escuta, não enxerga e não conversa com o Outro.

Planejamento de desenvolvimento que podem ser observado dentre dois exemplos estaduais. O primeiro é a ausência, ou melhor, a invisibilidade dos indígenas nos planos de planejamento do Estado do Mato Grosso do Sul, o segundo é a marginalização dos indígenas nas narrativas encontradas nos textos históricos oficiais do processo histórico do Mato Grosso do Sul, onde traz os indígena como figuração fantasiosa ou algo que não mais existe, e tem como figuração central, proprietário de grandes latifúndios, políticos, militares e pessoas pertencentes as famílias tituladas como tradicionais, o que explicita a organização colonial, arcaica e autocrática do MS.

Sendo assim, a pesquisa constitui seu sentido de densidade reflexiva a partir do movimento metodológico da Escuta, entendida como possibilidade de estar a frente do Outro, e compor junto e a partir do Outro, suas produções de conhecimentos que equivale ao desenvolvimento dentro das suas perspectivas de organização social na amplitude da vida. Retomar dos próprios Guarani-Kaiowá o que é desenvolvimento, e como a noção hegemônica e homogênea de desenvolvimento impactam suas vidas, permite o alinhamento para pensar amplamente o que o desenvolvimento constrói realmente como vida, e se isso pode ser ainda encarado como possibilidade de vida.

Reflexão que se alinha ao seguinte escrito de Brand (2001):

Por isso, a discussão em torno da construção de alternativas de desenvolvimento, solidamente assentadas no protagonismo indígena, implica em estudos sobre a experiência histórica já acumulada por eles, sobre as mudanças verificadas através dos longos anos de contato com a nossa sociedade, sobre as experiências novas pelas quais passaram, fracassadas ou bem logradas, assim como sobre a leitura e interpretação que a comunidade indígena faz dessas experiências. Constitui-se investigação relevante detectar até onde eventuais aspectos novos foram incorporados pelos índios, ou foram reinterpretados, e em que sentido? Qualquer experiência nova virá, necessariamente, instruída pelo olhar da tradição, ou seja, pelo olhar da cultura própria de cada povo. No entanto, como nenhuma cultura é estática, estudar as culturas indígenas não significa rebuscar os arquivos para saber como eram quando os europeus aqui chegaram. Esse estudo pode, certamente, contribuir para uma melhor compreensão da situação atual. São, porém, relevantes os processos de mudança cultural em curso, as transformações resultantes do impacto com o entorno e a visão de mundo que norteia estes povos no limiar do novo milênio. (p. 66)

Desenvolvimento teórico que pode ser ouvido em muitas vozes dos Guarani-Kaiowá e em vozes de muitos pesquisadores, o que corresponde a um importante elemento para a organização do ideário do desenvolvimento local, e também sua reflexão a partir da proposição metodológica da Escuta. Com o objetivo de compor reflexões conscientes ao processo teórico do desenvolvimento local e ao processo de autonomia dos Guarani-Kaiowá, reflexões que segue como caminho, a possibilidade

de organizar fazeres junto aos Guarani-Kaiowá para um viver com autonomia coletiva, e poderem ter seus direitos constituídos concretamente no cotidiano dos seus territórios.

### **Proposições metodológicas:**

O desenvolvimento metodológico para pesquisa é escolhido e fundamentado a partir de três princípios em movimento, a Escuta, o Outro (LÉVINAS, 2005) e as *Rasuras* (DERRIDA, 2001), organizado pela proposta da etnografia de pesquisa, composta pela observação participante, que nutre a possibilidade de conviver com os Guarani-Kaiowá, organizado e orientado a partir da posição como pesquisador.

A etnografia é entendida como sentido sensível e concreto, quando podemos parafrasear Colman (2015), quando se utiliza das referências de Brand (1997):

[...] exigiu olhar para a outra cultura e ter uma postura com certo desarmamento dos próprios conceitos ou, como na expressão utilizada por Brand (1997, p.19) a partir de Ricoeur (1968): “expatriar-se”, não tanto para um “outro presente” que já foi, mas “para um outro culturalmente diverso”. Neste exercício “precisamos começar com a idéia de captar a diferença” (DARNTON, 1986:5, apud BRAND, 1997. p.20), isto é, “captar a diversidade cultural mais ou menos explícita na vida do dia-a-dia da vida dos Kaiowá Guarani” (BRAND, 1997. p.20).

Postura que reconhece a necessidade básica de estar a frente do sujeito, conviver com o mesmo, quando se tornar explícito a composição organizativa do pesquisador em escutar e enxergar a realidade deste sujeito a partir do próprio sujeito. Para não cair em armadilhas condicionadas pelo julgamento e por preconceitos formados pelos imaginários que organiza a sociedade do próprio pesquisador. Uma postura que não permite também o movimento da inocência.

A Escuta se organiza como possibilidade de articular conhecimentos que chegam ao pesquisador e que este pesquisador aciona seu movimento em *seguir* (LATOURETTE, 2012) os interlocutores no campo de pesquisa, os objetos textuais da

pesquisa bibliográfica, os relatos cotidianos da realidade vivida e os outros atores (LATOOUR, 2012) que compõe a organização social da população pesquisada. Atores que podem ser tanto humanos, como não humanos (LATOOUR, 2012). Pois, como lembra Viveiros de Castro (2015):

Aceitar a oportunidade e a relevância desta tarefa de “*penser autrement*” (Foucault) o pensamento – de pensar “outramente”, pensar outra mente, pensar com outras mentes [...] (p.25)

Pensar com outras mentes se torna um princípio sensivelmente necessário de esta com o Outro, ao lado, junto a sua composição de vida. Movimento essencial que limita e inibe as possíveis violências camufladas de construir ficções sobre o Outro como escrito de pesquisa. Pensar outra mente se torna um esforço *Anti-Narciso* (VIVEIROS DE CASTRO, 2015), para pensar a realidade com e a partir do Outro, e não recorrer simplesmente a imaginações do que é o Outro. Pensar como o Outro constrói seus processos de conhecimento como realidade e com a realidade.

Sentido metodológico que transcorre o movimento de Escutar o Outro, o que gera o princípio ético e político de ter a consciência que o pesquisador nunca será o Outro, o que gera a reflexão já observada por (WAGNER, 2012), reconhecendo que tanto o pesquisador como o sujeito de pesquisa estão atrelados no tempo contemporâneo, orientados de formas diferentes a partir das suas territorialidades, o que sugeri a mediação do local e global a todo instante. O que salta a proporção da Escuta perceber a noção da temporalidade (BHABHA, 2007), e construir o esforço para pensar a partir do Outro, utilizando da impossibilidade de ser o Outro, para pensar também o Outro e toda a organização social, econômica, política e histórica que envolve o Outro, tanto também o pesquisador, que é o Outro para o pesquisado. Onde se instaura uma negociação densa da pesquisa, um jogo de intencionalidades e proposições que não deixa espaço para inocência a ingenuidade, mas sim, para a atenção constante para o posicionamento do pesquisador.

Como já reconheceu Carvalho (2001):

“Todas essas disciplinas, tanto nos países centrais como nos periféricos, estão envolvidas agora na tarefa de

descolonização das paisagens mentais, a qual implica uma revisão radical dos seus cânones, tanto teóricos como temáticos.” (p.111)

Revisão que expressa a necessidade marcante de pensar e construir conhecimento com o Outro, na busca de um esforço de organizar os saberes em simetria, como já reconhecido também por Latour (2008), despindo o pesquisador da sua soberania quando se depara na frente do Outro, o que sugere Lévinas (2005) “Eu soberano é posto em questão diante do rosto de outrem, na vigilância ética em que a soberania do eu se reconhece “detestável” (p.200). O que tem como consequência o encontro do pesquisador com as *rasuras* (DERRIDA, 2001) que podem ser escutadas e observadas nas lacunas do cotidiano (CERTEAU, 2005), nas frestas sensíveis que se formam quando se pode ouvir o Outro, o que não aparece explicito nos inscrito no texto da ordem (CERTEAU, 2005).

Construindo um processo reflexivo para discutir as problemáticas da realidade que impactam diretamente o Outro, aqui os Guarani-Kaiowá, a partir das produções de conhecimentos dos Guarani-Kaiowá, ou mesmo, sua dinâmica cosmologia, quando é possível pensar a partir de Sahlins (1979), e reconhecer que tanto como as sociedades indígenas possuem suas cosmologias, as sociedades “modernas” também, estas por entanto organizadas pela ideia hegemônica do Estado Moderno, do desenvolvimento como crescimento e do capitalismo, que guiam os planos de desenvolvimento, e impactam severamente a realidade dos Guarani-Kaiowá.

O que sugere Bruno Latour (2008) o movimento de ação da antropologia simétrica, quando reconhece tanto a ciência ocidental, quanto as produções de conhecimento das populações indígenas, como conhecimentos que devem ser escutados, observados e enfrentados em simétrica.

Sendo assim, toda a pesquisa será consubstanciada pelos princípios da Escuta, do Outro e da Rasura, organizada e orientada pelo proposição do efeito etnográfico como lembra Strathern (2014) “Um dos elementos que torna o trabalho de campo desafiador é ele ser realizado tendo em mente sua atividade muito diferente: a escrita” (p.345). Trabalho que sugere para esta pesquisa sua compilação organizativa que se refere tanto ao trabalho de campo (nas aldeias e reservas indígenas, nos assentamentos de corredor, nos acampamentos, nas periferias da cidade e nos

seminários acadêmicos) como no estudo bibliográfico (pesquisa em teses, artigos, livros e documental), para a escrita da tese de doutorado em desenvolvimento local.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ACHUGAR, H. Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2006.

ÁVILA, Vicente F. de. Pressupostos para formação educacional em Desenvolvimento Local. Interações Revista Internacional de Desenvolvimento Local. Campo Grande: UCDB, v.1, n.1, p.63-76, setembro de 2000.

BHABHA, H. O local da Cultura. 4ª. Reimpressão, editora UFMG, Belo Horizonte, 2007.

BORGES, J. Ficções. Companhia das Letras: São Paulo, 2007.

BRAND, A. Desenvolvimento Local em comunidades indígenas no Mato Grosso do Sul: a construção de alternativas. Revista Internacional de Desenvolvimento Local. Vol. 1, N. 2, p. 59-68, Mar. 2001.

BRAND, A. O impacto da perda da terra sobre a tradição Kaiowá/Guarani: os difíceis caminhos da palavra. Tese de doutorado. Porto Alegre: PUC/RS, 1997.

BRAND, A. Os Complexos Caminhos da Luta Pela Terra Entre os Kaiowá e Guarani do MS. TELLUS, Campo Grande, 4(6); 137-150. 2004.

CARVALHO, J. O olhar etnográfico e a voz subalterna. Horizontes Antropológicos, ano 7. n. 15, p. 107-147, Porto Alegre, 2001.

CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. 11ª. Edição, Editora Vozes: Petrópolis, 2005.

COLMAN, R. Guarani Retã e a mobilidade espacial Guarani: belas caminhadas e processos de expulsão no território Guarani. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 2015.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. Kafka: por uma literatura menor. Ediciones Era, México, 1978.

DERRIDA, J. Posições. Editora Autentica: Belo Horizonte, 2001.

LATOUR, B. Jamais Fomos Modernos. 4ª. Reimpressão, Editora 34: Rio de Janeiro, 2008.

LATOUR, B. Reagregando o Social: uma introdução a teoria Ator-Rede. Edufba e Edusc: Salvador e São Paulo, 2012.

LÉVINAS, E. Entre nós: ensaios sobre a alteridade. 2ª. Edição, Editora Vozes: Petrópolis, 2005.

MELIÀ, B. TEMPLE, D. El don, la Venganza: y otras formas de economía guarani. Centro de Estudios Paraguayos “Antonio Guasch”: Asunción, 2004.

PEREIRA, L. Imagens Kaiowá do sistema social e seu entorno. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2004.

PEREIRA, L. Mobilidade e Processos de Territorialização entre os kaiowá Atuais. In: Revista História em Reflexão (Revista eletrônica). Vol. 1 n. 1 Dourados: UFGD, Jan/Jun 2007.

PEREIRA, L. O Movimento étnico-social pela demarcação das terras guarani em MS. In: Tellus/ Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas (NEPPI), ano 3, n. 4, p.137-145, Campo Grande: UCDB, 2003.

SAHLINS, M. Cultura e razão prática. Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1979.

STRATHERN, M. O efeito etnográfico e outros ensaios. Cosac & Naify: São Paulo, 2014.

VIVEIROS DE CASTRO, E. A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia. Cosac & Naify: São Paulo, 2011.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Metafísicas Canibais: elementos para um antropologia pós-estrutural. Cosac & Naify: São Paulo, 2015.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. MANA , p.115 – 144, Rio de Janeiro, 1996.

VIVEIROS DE CASTRO, E. A Natureza em Pessoa: sobre outras praticas de conhecimento. "Visões do Rio Babel. Conversas sobre o futuro da bacia do Rio Negro". Instituto Socioambiental e a Fundação Vitória Amazônica, Manaus, 22 a 25 de maio de 2007.

WAGNER, R. A invenção da cultura. Cosac & Naify: São Paulo, 2012.